

Ao visitar com Kaunda a base de Nachingua

A Frelimo é uma escola revolucionária para toda a África — afirmou o presidente Nyerere

Diário de Notícias
13/5/75

DAR ES-SALAAM, 12 (R.). — Os presidentes Julius Nyerere, da Tanzânia, e Kenneth Kaunda, da Zâmbia terminaram, hoje, a sua visita à vasta base de Nachingua, aonde se deslocaram a convite de Samora Machel, presidente da Frelimo, para receberem os agradecimentos dos nacionalistas moçambicanos pela ajuda que lhes prestaram durante os dez anos de luta armada contra o regime colonial português. Foi ali que a Frelimo treinou os seus combatentes para a guerra. A base está situada na fronteira da Tanzânia com Moçambique, sendo agora utilizada no treino dos funcionários administrativos e agentes de polícia que deverão assumir os cargos deixados vagos pelos portugueses, quando Moçambique se tornar independente, em 25 de Junho.

Nyerere e Kaunda assistiram a um desfile militar e a uma parada de traidores à causa da Frelimo, estes capturados em Moçambique e trazidos para Nachingua a fim de serem reeducados politicamente. Os traidores, todos negros, incluem dirigentes de antigos grupúsculos anti-Frelimo e de facções rivais.

Nos discursos proferidos durante um cocinho em que participaram milhares de jovens e funcionários da Frelimo, os dois presidentes prometeram continuar a auxiliar e a apoiar o movimento. Nyerere frisou que a Frelimo é uma escola revolucionária para toda a África, pois ensinou os

africanos a identificar os seus inimigos, mostrando que o imperialismo não tem cor.

Por seu turno, o presidente da Zâmbia sublinhou que a Frelimo tivera o mérito de ensinar os povos oprimidos de todo o mundo, que uma luta de libertação genuína deve visar a emancipação política, económica e cultural.

Os protestos de solidariedade culminaram a manifestação militar, política e agrícola com que a Frelimo procurou demonstrar esforços que dispendeu para preparar o advento de uma nova ordem social em Moçambique após a independência. rej-foz'

Londres levantará o bloqueio ao porto da Beira após a independência de Moçambique

LUSACA, 12 (R.). — A Inglaterra levantará o seu bloqueio ao porto da Beira quando Moçambique se tornar totalmente independente no dia 25 de Junho — anunciaram círculos bem informados.

As patrulhas marítimas e aéreas britânicas ao largo da Beira, mantêm-se há quase dez anos, para impedir que petroleiros, com petróleo para a Rodésia, descarreguem nesse porto moçambicano.

As patrulhas ao largo da Beira fazem parte das sanções económi-

cas autorizadas pelas Nações Unidas depois do regime de minoria branca de Salisburia ter declarado unilateralmente a sua independência em Novembro de 1965, criando assim uma situação de ilegalidade, cuja resolução terá, de ser, inevitavelmente, um governo da maioria negra na Rodésia.

Círculos bem informados de Lusaca dizem que em breve será feita uma declaração pela Inglaterra terminando o patrulhamento ao largo da Beira. Acrescentou que Moçambique aplicará sanções à Rodésia, as quais se iniciarão imediatamente após a independência.

A Rodésia com mais dificuldades económicas

NAIROBI, 12 (Tanjug-A. N. I.). — O regime de Ian Smith debate-se não só com dificuldades políticas, mas também com dificuldades económicas.

Segundo informa a Câmara de Comércio de Salisburia, a Rodésia enfrenta este ano uma taxa de inflação particularmente elevada — um «deficite» crescente na balança de pagamentos e um acentuado aumento do desemprego.

Sublinha-se que as exportações rodésianas diminuíram em virtude das dificuldades de transporte para o exterior.